



# Produzir e comer, nossa política de cada dia

Flávia Charão Marques\*

Há mais de 70 anos, a Segunda Guerra Mundial acabava, deixando como legado uma série de desafios para o Ocidente. Entre eles, a urgência em produzir alimentos em quantidade suficiente para suprir o mundo. Essa necessidade imperativa, associada à nova ordem geopolítica que se estabelecia e aos avanços tecnológicos que a própria guerra havia favorecido, resultou no que ficou conhecido mais tarde como 'revolução verde'. Grosso modo, essa corrida fez surgir um projeto de modernização dependente de inovações tecnológicas de ordem mecânica, química e biológica.

Uma vez institucionalizado, tal projeto legitimou, sob a égide do progresso, uma trajetória de desenvolvimento, que, para a produção de alimentos, significou o descarte e a deslegitimação das formas agrícolas locais e a opção pelo atrelamento da agricultura ao funcionamento das indústrias – de um lado aquelas que produziam as máquinas e os insumos e de outro as que processariam os alimentos.

De fato, em poucos anos, o mundo assistiu a um crescimento sem precedentes da produção agrícola, embora com ele tenha vindo também a dependência dos agroquímicos, o uso excessivo de combustíveis fósseis e a diminuição da biodiversidade.

O incentivo à produção em grande escala de algumas poucas espécies de grãos possibilitou o estabelecimento de um modelo concentrador-exportador altamente desigual entre países e regiões, porém, capaz de produzir, industrializar e distribuir grandes volumes de gêneros alimentícios, cujo conteúdo e procedência são, em geral, uma incógnita.

É desconcertante ouvirmos recorrentes celebrações pelos sucessivos recordes de safras e, mais recentemente, a proliferação de campanhas publicitárias que exaltam em tom ufanista o chamado setor 'agro', ao mesmo tempo em que ainda se registra o uso descontrolado de agrotóxicos e se verifica a volta do crescimento tanto do desmatamento, como da violência no campo brasileiro. Adiciona-se a isto a paradoxal situação dos altos índices de desnutrição vis-à-vis o crescimento da obesidade e outras enfermidades relacionadas ao 'comer', inclusive entre as crianças, alcançando o status de problema de saúde pública.

Ainda que tudo isso pareça desolador, aventuras empreendidas conjuntamente por humanos, plantas, animais, microrganismos, minerais e outras tantas entidades e substâncias, ao longo dos séculos e nos mais variados lugares do mundo, fizeram surgir incalculável diversidade de agriculturas. Assim, se um olhar de 'longe' acaba por mostrar uma agricultura tão monótona quanto a dieta moderna, focando mais atentamente nos damos conta de que os processos homogeneizadores não foram suficientes para extinguir práticas localizadas e repertórios culturais singulares. Tampouco os milhões de agricultores que adentraram

na modernização foram receptores passivos da intensificação, do aumento de escala, da especialização e da integração à indústria – ainda que o padrão tenha sido bastante internalizado por alguns, ele também foi desconstruído e redesenhado por outros.

Analisada 'mais de perto', a modernização resultou em heterogeneidades de respostas, múltiplos saberes e potencialidades para outras formas de se produzir alimentos que, por sua vez,

estão diretamente associadas à formidável criatividade de transformá-los em 'comida', em seus mais diferentes sabores e afetos. Em outras palavras, a diversidade do que vai à mesa ao redor do planeta depende da diversidade do que se cultiva. E vice-versa.

Muito se tem avançado no que se refere ao desenvolvimento de agriculturas que desenvolvem alto potencial de sequestro de carbono; que favorecem a regulação biótica; conservam solo, água

e energia; incrementam a sociobiodiversidade; reduzem o uso de insumos externos e não renováveis; buscam a eliminação do uso de agrotóxicos, de radiação, dos antibióticos e dos transgênicos nos sistemas de produção vegetal e animal. Este caminho é imprescindível para favorecer interações agroecológicas e relações de confiança entre os agricultores e os consumidores.

A articulação entre quem produz e quem consome, muitas vezes, se dá em torno de produtos específicos – orgânicos, integrais, regionais, artesanais. Mas não só. A conexão entre o campo e a mesa é também resultado de configurações territoriais, tradições culturais e gastronômicas.

Se, por um lado, é preciso realizar mudanças organizacionais nas cadeias de abastecimento e na constituição de sistemas de apoio institucional e político, por outro, as transformações na realidade agroalimentar também passam por reconectar modos de existência e conhecimentos relacionados a territórios-paisagem específicos, em que 'alimento local' está longe de significar isolamento; pelo contrário, provoca repensar fronteiras antes dicotomizadas entre global e local ou entre o convencional e o alternativo.

Há quem se conforme com o estado das coisas, dizendo que estas formas de produção de alimentos são românticas, idealizadas, anacrônicas ou constituem um risco à economia. Pode ser! Mas, a favor delas, temos o fato de que tanto os alimentos como a comida estão interconectados às pessoas, 'corporificados'. São vitalmente parte dos cotidianos, amalgamando cultura e matéria; têm, eles mesmos, 'vida social'.

Nesse sentido, a crescente politização do produzir e do comer constitui um fenômeno contemporâneo que oferece uma janela crítica para as inconformidades crescentes com as realidades imediatas. Isso é manifestado, por exemplo, nos muitos movimentos alimentares ao redor do mundo, organizados com o propósito de desarraigar regimes de práticas estabelecidas, assim como reivindicar acesso ao patrimônio alimentar, às alternativas de vida saudável e à equidade no acesso à nutrição adequada.

Essas perspectivas críticas nos convidam a desafiar, do ponto de vista intelectual e prático, nosso olhar para crises alimentares iminentes como sendo resultados de políticas públicas deficientes ou de negligências científicas e governamentais. É preciso considerar que uma parcela da deterioração do ambiente, da saúde e das relações sociais da atualidade são justamente sinais do sucesso da modernização do complexo agroalimentar. E isto coloca a dimensão política da agricultura e dos alimentos numa posição central em processos de reordenamento e mudança social.

“É preciso considerar que uma parcela da deterioração do ambiente, da saúde e das relações sociais da atualidade são justamente sinais do sucesso da modernização do complexo agroalimentar.”



FLÁVIA DUTRA/ARQUIVO JU - JUN/2008

\*Professora na Faculdade de Agronomia e no PPG em Desenvolvimento Rural da UFRGS